

VIET THANH NGUYEN

O simpatizante

TRADUÇÃO
Cássio de Arantes Leite

ALFAGUARA



Copyright © 2015 by Viet Thanh Nguyen
Publicado mediante acordo com Sober Weber Associates Inc.
Foram assegurados os direitos morais do autor.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Sympathizer

Capa
Daniel Trench

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Marise Leal
Arlete Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nguyen, Viet Thanh
O simpatizante / Viet Thanh Nguyen; tradução
Cássio de Arantes Leite. – 1ª ed. – Rio de Janeiro:
Alfaguara, 2017.

Título original: The Sympathizer
ISBN 978-85-5652-041-8

1. Ficção ágio-americana 2. Ficção norte-americana
I. Título.

17-03099

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

twitter.com/alfaguara_br

*Guardemo-nos de fazer uma expressão sombria, ao ouvir a palavra “tortura”: precisamente neste caso há muito a descontar, muito a subtrair — há inclusive do que rir.**

Friedrich Nietzsche, *Genealogia da moral*

* Tradução de Paulo César de Souza (São Paulo: Companhia das Letras, 2009).
(N. E.)

I.

Sou um espião, um infiltrado, um agente secreto, um homem de duas caras. Talvez não cause surpresa o fato de ser também um homem de duas cabeças. Não um mutante incompreendido saído de um gibi ou filme de terror, embora alguns tenham me tratado como tal. Apenas sou capaz de ver uma questão pelos dois lados. Às vezes, vanglorio-me de que isso é um talento, e, embora sem dúvida seja um talento de natureza menor, é provavelmente também o único que possuo. Em outros momentos, quando reflito sobre como não posso deixar de observar o mundo dessa maneira, me pergunto se o que tenho merece mesmo ser chamado de talento. Afinal, talento é algo que você usa, não algo que usa você. O talento que você *não* usa, o talento que domina você — isso é um risco, devo confessar. Mas, no mês em que esta confissão teve início, meu modo de ver o mundo ainda parecia mais uma virtude do que um perigo, que é como alguns perigos surgem da primeira vez.

O mês em questão era abril, o mais cruel dos meses. Foi o mês em que uma guerra que transcorrerá por um tempo muito longo perderia as pernas, como acontece com as guerras. Foi um mês que significou tudo para todas as pessoas em nosso pequeno rincão do mundo e nada para a maioria das pessoas no resto do mundo. Foi o mês que presenciou tanto o fim de uma guerra quanto o início da... bom, “paz” não é a palavra correta, não é, meu caro Comandante? Foi o mês em que esperei pelo fim atrás dos muros de um casarão rural onde vivera nos últimos cinco anos, os muros desse casarão cintilando com cacos de vidro marrom e encimados por arame farpado enferrujado. Tinha meu próprio quarto na casa, assim como tenho um quarto em seu acampamento, Comandante. Claro, o termo apropriado para meu quarto é “cela de isolamento”, e, em vez de uma empregada

que vem fazer a limpeza todo dia, o senhor providenciou para mim um guarda com rosto de bebê que não limpa nada. Mas não estou me queixando. Privacidade, não limpeza, é meu único pré-requisito para escrever esta confissão.

Embora desfrutasse de suficiente privacidade na mansão do General à noite, tinha pouca durante o dia. Fui o único oficial dele a morar em sua casa, o único de seu Estado-Maior que nunca se casou e seu ajudante mais confiável. De manhã, antes de levá-lo pela curta distância até seu escritório, tomávamos o café da manhã juntos, analisando despachos numa ponta da mesa de jantar de teca enquanto sua esposa cuidava do bem disciplinado quarteto de crianças na outra, de dezoito, dezesseis, catorze e doze anos de idade, havendo uma cadeira vaga para a menina que estudava nos Estados Unidos. Talvez nem todo mundo temesse o fim, mas o General, em sua sensatez, sim. Homem magro de excelente postura, era um veterano das campanhas cujas inúmeras medalhas haviam sido, em seu caso, merecidamente ganhas. Embora tivesse apenas nove dedos nas mãos e oito nos pés, tendo perdido três por causa de balas e estilhaços, apenas seus familiares e confidentes sabiam sobre o estado de seu pé esquerdo. Suas ambições raramente haviam sido frustradas, a não ser pelo desejo de obter uma excelente garrafa de Borgonha e bebê-la na companhia de pessoas que nunca cometeriam a estupidez de pôr cubos de gelo no vinho. Era epicurista e cristão, nessa ordem, um homem de fé que acreditava na gastronomia e em Deus; em sua esposa e seus filhos; e nos franceses e americanos. Na sua opinião, eles nos ofereciam tutela muito melhor do que aqueles Svengalis que haviam hipnotizado nossos irmãos do norte e, em parte, do sul: Karl Marx, V. I. Lênin e o grande timoneiro Mao. Não que tivesse lido algum desses sábios! Era tarefa minha, como seu ajudante de ordens e suboficial de inteligência, municia-lo de colas sobre, digamos, *O manifesto comunista* ou *O pequeno livro vermelho*, de Mao. Cabia a ele encontrar ocasiões para demonstrar seu conhecimento sobre a forma de pensar do inimigo, sua favorita sendo a pergunta de Lênin, plagiada sempre que a necessidade se apresentava: Senhores, diria, batendo na mesa apropriada com adamantinos nós dos dedos, *O que fazer?* Dizer ao General que foi Nikolai Tchernichévski quem efetivamente fez a pergunta em

seu romance de mesmo título parecia irrelevante. Quantos hoje se lembram de Tchernichévski? Quem contava era Lênin, o homem de ação que se apropriou da pergunta e a tornou sua.

Em seu mais melancólico abril, confrontado com essa pergunta sobre o que fazer, o general que sempre descobria a coisa a ser feita não conseguiu fazê-lo. O homem dotado de fé na *mission civilisatrice* e no American Way foi finalmente mordido pelo bicho da descrença. Sofrendo de repentina insônia, deu para perambular por seu casarão com a palidez esverdeada de um paciente de malária. Desde que nosso front norte entrara em colapso algumas semanas antes, em março, aparecia na porta do meu escritório ou em meu quarto na casa para me passar um bocadinho de novidades, sempre sombrio. Dá pra acreditar?, ele queria saber, ao que eu dizia uma de duas coisas: Não, senhor! ou Inacreditável! Não podíamos acreditar que a aprazível e pitoresca cidade cafeeira de Ban Me Thuot, meu vilarejo natal, nas Terras Altas, fora saqueada no início de março. Não podíamos acreditar que nosso presidente, Thieu, cujo nome pedia para ser cuspidado da boca, inexplicavelmente ordenara que nossas forças de defesa das Terras Altas batessem em retirada. Não podíamos acreditar que Da Nang e Nha Trang haviam caído, ou que nossos soldados haviam atirado em civis pelas costas e lutavam como loucos para fugir em balsas e barcos, a contagem de mortos chegando aos milhares. Na secreta privacidade de meu escritório, eu obedientemente batia fotos desses relatórios, para satisfação de Man, meu contato. Embora fossem também uma satisfação para mim, como sinais da inevitável erosão do regime, eu não podia deixar de me sentir comovido com a provação daquela gente pobre. Talvez não fosse correto, politicamente falando, solidarizar-me com aquelas pessoas, mas minha mãe teria sido uma delas se estivesse viva. Ela era pobre, eu era seu filho pobre, e ninguém pergunta aos pobres se querem a guerra. Ninguém tampouco perguntara àquela gente pobre se queria morrer de sede e exposição no mar costeiro ou se queria sofrer roubos e estupros nas mãos de seus próprios soldados. Se esses milhares de pessoas ainda estivessem vivos, não teriam acreditado como morreram, assim como não conseguíamos acreditar que os americanos — nossos amigos, nossos benfeitores, nossos protetores — haviam rejeitado nosso pe-

dido de que mais dinheiro fosse enviado. E o que teríamos feito com aquele dinheiro? Comprar munição, gasolina e peças de reposição para armas, aviões e tanques que os mesmos americanos nos deram de graça. Tendo fornecido as agulhas, eles agora, perversamente, deixavam de fornecer a droga. (Nada, murmurava o General, sai mais caro do que aquilo que é oferecido de graça.)

Ao final de nossas conversas e refeições, eu acendia o cigarro do General e ele olhava para o vazio, esquecendo de fumar o Lucky Strike que se consumia lentamente em seus dedos. Em meados de abril, quando a cinza o despertou de seus devaneios e ele pronunciou uma palavra que não deveria, Madame calou a risadinha das crianças e disse: Se esperar muito mais, não vamos conseguir sair. Devia pedir um avião para o Claude, já. O General fingiu não escutar a Madame. A mulher tinha um cérebro que era como um ábaco, espinha de instrutor de treinamento e corpo de virgem, mesmo depois de parir cinco filhos. Tudo isso embrulhado num desses exteriores que inspiravam nossos pintores treinados nas belas-arts a usar sem parcimônia um pastel de aquarelas e as pinceladas mais difusas. Era, em resumo, a mulher vietnamita ideal. Por essa boa sorte, o General manifestava gratidão e terror eternos. Massageando a ponta do dedo chamuscado, olhou para mim e disse: Acho que chegou a hora de pedir um avião para o Claude. Só quando voltou a examinar o dedo machucado eu olhei de relance para a Madame, que se limitou a erguer uma sobran-celha. Boa ideia, senhor, eu disse.

Claude era nosso amigo americano mais confiável, nossa relação tão próxima que certa vez me confidenciou ter um sexto de sangue negro. Ah, disse eu, igualmente bêbado de bourbon do Tennessee, isso explica por que seu cabelo é preto, e por que se bronzeia fácil, e por que consegue dançar o chá-chá-chá como se fosse um de nós. Beethoven, disse ele, era igualmente de ascendência hexadecimal. Então, disse eu, isso explica por que consegue cantar o “Parabéns pra você” de forma tão afinada. A gente se conhecia fazia mais de duas décadas, desde que ele me vira numa balsa de refugiados em 54 e reconheceu meus talentos. Eu era um menino precoce de nove anos de idade que já sabia uma quantidade decente de inglês, que havia aprendido com um missionário americano pioneiro. Claude supos-

tamente trabalhava no auxílio a refugiados. Agora sua mesa estava na embaixada americana, sua incumbência sendo ostensivamente promover o desenvolvimento do turismo em nosso país devastado pela guerra. Isso, como você pode imaginar, exigia cada gota que conseguisse espremer de um lenço encharcado com o suor do espírito *can-do* americano. Na realidade, Claude era um homem da CIA cujo período no país remontava aos tempos em que os franceses ainda dominavam um império. Naquela época, quando a CIA se chamava OSS, Ho Chi Minh os procurou para ajudá-lo no combate contra os franceses. Ele até citou os Pais Fundadores norte-americanos em sua declaração da independência de nosso país. Os inimigos do Tio Ho dizem que falava o que cada um queria ouvir, mas Claude acreditava que conversava com os dois lados ao mesmo tempo. De meu escritório, na outra ponta do corredor onde ficava o gabinete do General, liguei para Claude e informei-o, em inglês, de que o General perdera toda a esperança. O vietnamita de Claude era ruim e seu francês, pior ainda, mas seu inglês era excelente. Faça essa observação só porque a mesma coisa não podia ser dita de todos os seus conterrâneos.

Acabou, falei, e quando disse isso para Claude finalmente pareceu real. Achei que Claude pudesse protestar e argumentar que os bombardeios americanos ainda podiam tomar nossos céus ou que a cavalaria aérea americana podia em breve vir em seus helicópteros para nos resgatar, mas Claude não me decepcionou. Vou ver o que consigo acertar, disse, um murmúrio de vozes audível ao fundo. Imaginei a embaixada no caos, os teletipos superaquecendo, o vaivém de cabogramas urgentes entre Saigon e Washington, a equipe de funcionários trabalhando sem descanso e o mau cheiro da derrota tão pungente que sobrecarregava os aparelhos de ar-condicionado. Em meio a pavios curtos, Claude permanecia frio, tendo vivido aqui por tanto tempo que mal transpirava com a umidade tropical. Ele conseguia se aproximar sorrateiramente de você no escuro, mas nunca seria invisível em nosso país. Embora fosse intelectual, era de uma estirpe peculiarmente americana, do tipo que praticava remo e ostentava bíceps consideráveis. Enquanto nosso gênero de estudioso tendia a ser pálido, míope e raquítico, Claude tinha um metro e oitenta e oito, visão perfeita, e se mantinha em forma praticando duzentas

flexões toda manhã, o jovem empregado *nung* agachado em suas costas. Durante o tempo livre, lia, e sempre que visitava o casarão tinha um livro enfiado sob o braço. Quando chegou, alguns dias depois, a brochura que carregava era *Comunismo asiático e o modo oriental de destruição*, de Richard Hedd.

O livro era para mim, enquanto o General ganhou uma garrafa de Jack Daniel's — presente que eu teria preferido, caso tivesse escolhido. Não obstante, tomei o cuidado de ler com atenção a quarta-capa, coberta de resenhas tão empolgadas que podiam ter sido extraídas da transcrição de um fã-clube de adolescentes, mas as risadinhas excitadas vinham de uma dupla de secretários da Defesa, um senador que visitara nosso país por duas semanas para uma sindicância e um renomado âncora de televisão que moldava sua enunciação em Moisés, na interpretação de Charlton Heston. O motivo para a excitação deles podia ser encontrado na tipografia expressiva do subtítulo *Para compreender e derrotar a ameaça marxista na Ásia*. Quando Claude disse que todo mundo estava lendo esse manual, falei que eu também ia ler. O General, que abriu a garrafa, não estava com a menor disposição para discutir livros ou jogar conversa fora, não com dezoito divisões inimigas cercando a capital. Ele queria discutir o avião, e Claude, rolando seu copo de uísque entre as palmas das mãos, disse que o melhor que podia conseguir era uma fuga clandestina, por baixo dos panos, em um C-130. O aparelho comportava noventa e dois paraquedistas com seu equipamento, como o General sabia perfeitamente, tendo servido no Airborne antes de ser convocado pelo presidente em pessoa para chefiar a Polícia Nacional. O problema, como explicou para Claude, era que só sua família estendida somava cinquenta e oito pessoas. Embora desgostasse de alguns, e desprezasse mais uns tantos, a Madame nunca o perdoaria se não resgatasse todos os seus parentes.

E quanto a meu Estado-Maior, Claude? O General falou em seu inglês preciso, formal. O que tem ele? Tanto o General como Claude me olharam de relance. Tentei bancar o corajoso. Eu não era o oficial superior do Estado-Maior, mas, como ajudante de ordens e oficial mais fluente na cultura americana, comparecia a todas as reuniões do General com os americanos. Alguns conterrâneos meus falavam inglês

tão bem quanto eu, embora a maioria com ligeiro sotaque. Mas quase nenhum deles era capaz de discutir, como eu, posições do beisebol, a sublime Jane Fonda ou os méritos dos Rolling Stones versus Beatles. Se um americano fechasse os olhos para me ver falando, pensaria que eu era um dos seus. De fato, ao telefone, era tomado facilmente por americano. Quando encontrava o interlocutor cara a cara, ele ficava invariavelmente perplexo com minha aparência e quase sempre perguntava como aprendera a falar inglês tão bem. Nessa república das jacas que funcionava como franquia dos Estados Unidos, a expectativa dos americanos era que eu fosse como aqueles milhões que ou não falavam inglês ou falavam pidgin inglês ou inglês com sotaque. Eu me ressentia disso. Foi por esse motivo que sempre quis demonstrar, tanto na palavra falada como escrita, meu domínio da língua. Meu vocabulário era mais amplo, minha gramática muito mais precisa do que a média do americano instruído. Eu conseguia alcançar tanto as notas mais agudas como as mais graves e desse modo não tinha dificuldade em compreender a caracterização feita por Claude do embaixador como um “putz”, um “jerkoff” com “his head up his ass” — resumindo, um rematado idiota —, que estava em negação acerca da iminente queda da cidade. Oficialmente, não há evacuação, disse Claude, porque tão cedo não vamos embora.

O General, que quase não erguia a voz, agora fazia exatamente isso. Extraoficialmente, você está abandonando a gente, berrou. Os aviões decolam dia e noite do aeroporto. Todo mundo que trabalha com os americanos quer um visto para sair. Eles procuram sua embaixada para conseguir esses vistos. Vocês evacuaram as mulheres americanas. Evacuaram bebês e órfãos. Por que razão os únicos que não sabem que os americanos estão se mandando são os americanos? Claude teve a decência de parecer constrangido quando explicou como a cidade explodiria em tumultos se uma evacuação fosse declarada, para talvez então se voltar contra os americanos que haviam permanecido. Isso acontecera em Da Nang e Nha Trang, onde os americanos haviam fugido para salvar a própria pele e deixado os moradores ao deus-dará. Mas, apesar desse precedente, a atmosfera estava estranhamente calma em Saigon, a maioria dos cidadãos se comportando como duas pessoas em um casamento naufragado,

dispostas a se agarrar bravamente uma à outra e se afogar, contanto que nenhuma delas declarasse a adúltera verdade. A verdade, no caso, sendo que pelo menos um milhão de pessoas trabalhava ou havia trabalhado para os americanos de algum modo, engraxando seus sapatos, dirigindo o exército projetado pelos americanos a sua própria imagem ou dando uma chupada em seus homens pelo preço de um hambúrguer em Peoria ou Poughkeepsie. Boa parte dessa gente acreditava que se os comunistas vencessem — coisa que se recusavam a crer que aconteceria — o que os aguardava era a prisão ou o garrote e, para as virgens, casamento forçado com os bárbaros. E por que não acreditariam? Esses eram os rumores espalhados pela CIA.

Assim — começou o General, mas foi interrompido por Claude. O senhor tem um avião e deve se considerar com sorte, senhor. O General não era do tipo que implorava. Terminou seu uísque, assim como Claude, depois apertou a mão dele e se despediu, em nenhum momento desviando o olhar. Os americanos gostam de contato olho no olho, me contara certa vez o General, sobretudo quando fodem você por trás. Não era assim que Claude via a situação. Outros generais estavam conseguindo lugar só para suas famílias imediatas, disseram Claude ao ir embora. Nem Deus ou Noé tinham conseguido salvar todo mundo. Nem quiseram, aliás.

Não tinham? O que meu pai teria dito? Ele fora um padre católico, mas eu não conseguia me lembrar de ter ouvido o pobre homem de Deus algum dia fazer um sermão sobre Noé, embora eu confesse que ia à missa apenas para devanear. Mas, a despeito do que Deus ou Noé teriam feito, restava pouca dúvida de que todo mundo no Estado-Maior do General, se tivesse chance, teria resgatado uma centena de parentes consanguíneos, bem como parentes no papel em condições de arcar com a propina. As famílias vietnamitas eram um troço complicado, delicado, e, embora de vez em quando eu sonhasse em ter uma, por ser filho único de mãe condenada ao ostracismo, essa não foi uma dessas ocasiões.

Mais tarde, nesse mesmo dia, o presidente renunciou. Eu já esperava que o presidente abandonasse o país semanas antes, à maneira

condizente de um ditador, e mal perdera meu tempo pensando nele enquanto trabalhava na lista de pessoas a serem evacuadas. O General era metuculoso e atento aos detalhes, habituado a tomar decisões rápidas e firmes, mas essa foi uma tarefa que transferiu para mim. Estava preocupado com assuntos de seu escritório: ler os relatórios de interrogatório da manhã, comparecer a reuniões no prédio do Estado-Maior Conjunto, ligar para sua gente de confiança e discutir como conseguir manter o controle da cidade e ao mesmo tempo abandoná-la, manobra tão complicada quanto brincar de dança das cadeiras ao som de sua canção favorita. Música era uma coisa que estava na minha cabeça, pois enquanto trabalhava na lista até altas horas escutava o American Radio Service em um Sony, no meu quarto da casa. As canções dos Temptations, de Janis Joplin e Marvin Gaye geralmente tornavam as coisas ruins toleráveis e as coisas boas maravilhosas, mas não em tempos como esses. Cada vez que minha caneta riscava um nome, era como uma sentença de morte. Todos os nossos nomes, do oficial de patente mais baixa ao General, haviam sido encontrados em uma lista enfiada na boca de sua portadora quando arrombamos sua porta, três anos antes. O aviso que eu mandara para Man não chegara a tempo até ela. Quando os policiais a derrubaram no chão, não tive escolha a não ser enfiar os dedos em sua boca de agente comunista e tirar a lista encharcada de saliva. Sua existência de papier mâché era prova de que membros do Special Branch, acostumados a observar, eram observados. Mesmo tendo um momento a sós com ela, eu não podia ter arriscado meu disfarce contando-lhe que estava do seu lado. Sabia o destino que a aguardava. Nas celas de interrogatório do Special Branch, todo mundo falava, e ela teria contado meu segredo, querendo ou não. Era mais nova que eu, mas sensata o bastante para também saber o que a aguardava. Apenas por um momento vi a verdade em seus olhos, e a verdade era que me odiava pelo que acreditava que eu era, o agente de um regime opressivo. Então, como eu, ela se lembrou do papel que tinha a desempenhar. Por favor, senhores!, gritou. Sou inocente! Juro!

Três anos depois, essa agente comunista continuava numa cela. Eu conservava sua pasta em minha mesa, um lembrete de que não consegui salvá-la. Era culpa minha também, dissera Man. Quando

chegar o dia de ser libertada, serei eu a destrancar sua cela. Ela tinha vinte e dois quando foi presa e na pasta havia uma foto sua no momento da captura, e outra de alguns meses antes, os olhos embotados e o cabelo escasseando. Nossas celas de prisão eram máquinas do tempo, os detidos envelhecendo muito mais rápido que o normal. Olhar para seus rostos, de vez em quando, me ajudava na tarefa de selecionar alguns poucos homens para serem salvos e condenar outros tantos, incluindo alguns de quem eu gostava. Por vários dias me debrucei sobre a lista, lendo e repassando, enquanto os defensores de Xuan Loc eram aniquilados e, do outro lado da fronteira, Phnom Penh caía para o Khmer Vermelho. Algumas noites depois, nosso ex-presidente fugiu em segredo para Taiwan. Claude, que o levou para o aeroporto, notou como as malas extraordinariamente pesadas do presidente ressoavam com um barulho metálico, pelo visto uma robusta cota do ouro de nossa nação. Ele me contou isso na manhã seguinte, quando ligou para dizer que nosso avião partiria dali a dois dias. Terminei minha lista à noitinha, informando ao General que decidira ser democrático e representativo, escolhendo o oficial de mais alta patente, o oficial que todo mundo achava ser o mais honesto, o de cuja companhia eu mais gostava e assim por diante. Ele acatou meu raciocínio e sua inevitável consequência, de que uma boa quantidade de oficiais superiores com a maior parte do conhecimento e culpabilidade sobre o trabalho do Special Branch seria deixada para trás. Eu terminava com um coronel, um major, outro capitão e dois tenentes. Quanto a mim, reservei um lugar e mais três para Bon, sua esposa e seu filho, meu afilhado.

Quando o General me visitou naquela noite para se comiserar, trazendo a garrafa de uísque agora pela metade, pedi-lhe para levar Bon conosco, como um favor. Embora não fosse meu irmão de verdade, era um de meus dois irmãos de sangue desde os tempos de escola. Man era o outro, tendo os três jurado lealdade eterna com um corte na palma de nossas mãos adolescentes, misturando nosso sangue em um aperto ritual. Em minha carteira havia uma foto em preto e branco de Bon e sua família. Bon tinha a aparência de um homem bonito espancado ao ponto da deformação, mas era simplesmente o rosto que a natureza lhe dera. Nem mesmo sua boina

de paraquedista e suas fardas com listras de tigre passadas com todo o esmero eram capazes de desviar a atenção de suas orelhas de para-quedas, seu queixo perpetuamente enterrado nas pregas do pescoço e seu nariz amassado e bem entortado para a direita, assim como de sua visão política. Quanto a sua esposa, Linh, um poeta talvez comparasse seu rosto à lua cheia, aludindo não só a seu caráter inchado e redondo, como também à face mosqueada e coberta de crateras, salpicada de cicatrizes de acne. Como esses dois foram capazes de conceber uma criança tão bonita quanto Duc era um mistério, ou talvez simplesmente tão lógico como o fato de dois negativos, quando multiplicados, produzirem um positivo. O General me deu a foto e disse: É o mínimo que posso fazer. Ele é Airborne. Se nosso exército tivesse apenas homens do Airborne, a gente teria vencido esta guerra.

Se... mas não havia se, apenas o fato incontroverso do General sentado na beirada de minha cadeira enquanto eu estava de pé junto à janela, bebericando meu uísque. No pátio, o ordenança do General atirava maços de segredos na fogueira acesa dentro de um tambor de cinquenta e cinco galões, deixando a noite escaldante ainda mais quente. O General se levantou e andou de um lado para o outro em minha pequena sala, o copo na mão, vestindo apenas sua samba-canção e uma camiseta regata, a sombra noturna da barba por fazer começando a se insinuar em seu queixo. Apenas seus empregados, sua família e eu o víamos desse jeito. A qualquer hora do dia, quando visitas apareciam na mansão, ele emplastrava o cabelo com brilhantina e punha o uniforme cáqui engomado, o peito engalanado com mais fitas do que daria para encontrar no cabelo de uma rainha de concurso de beleza. Mas nessa noite, com o silêncio da casa quebrado apenas pelos ocasionais estampidos da artilharia, ele se permitia ser choroso sobre como os americanos haviam nos prometido a salvação do comunismo se simplesmente fizessemos como nos fora ordenado. Eles começaram esta guerra, e agora que cansaram dela venderam a gente, disse, servindo-me mais uma dose. Mas de quem é a culpa, senão de nós mesmos? Fomos estúpidos o suficiente para achar que manteriam a palavra. Agora não temos outro lugar para ir a não ser a América. Existem lugares piores, eu

disse. Pode ser, ele respondeu. Pelo menos vamos viver para lutar outra vez. Mas por enquanto completamente ferrados. Que tipo de brinde é o indicado para isso?

As palavras me vieram após um momento.

Ao sangue no seu olho, eu disse.

É isso aí.

Esqueci quem eu ouvira brindar desse jeito, ou mesmo o que significava, exceto que ficara na minha cabeça em algum momento durante os anos passados na América. O General também estivera na América, ainda que apenas por alguns meses quando era oficial subalterno, treinando com um pelotão de seus colegas em Fort Benning, em 58, onde os Boinas Verdes o vacinaram para sempre contra o comunismo. No meu caso, a vacina não pegou. Eu já operava na clandestinidade, parte como aluno bolsista, parte como espião em treinamento, o representante solitário de nosso povo em uma pequena faculdade rural chamada Occidental, seu lema sendo *Occidens Proximus Orienti*. Aí passei seis anos idílicos no mundo sonhador, embriagado de sol do sul da Califórnia durante os anos 60. Não era para mim o estudo de rodovias, sistemas de esgoto ou alguma outra ocupação útil. Em lugar disso, a missão que me fora designada por Man, meu colega de conspiração, era aprender o modo americano de pensar. Minha guerra era psicológica. Com essa finalidade, estudei história e literatura americanas, aperfeiçoei minha gramática e absorvi a gíria, fumei maconha e perdi a virgindade. Em resumo, não só me formei como também fiz meu mestrado, tornando-me um especialista em estudos americanos de todo tipo. Mesmo hoje consigo ver muito claramente onde li pela primeira vez as palavras desse que é o maior dos filósofos americanos, Emerson, em um gramado junto a um bosque iridescente de jacarandás. Minha atenção estava dividida entre as exóticas e douradas universitárias de frente-única e bermuda, bronzeando-se nos canteiros de capim-de-junho, e as palavras austeras e sombrias na página branca e sem adornos — “a coerência é o fantasma das mentes pequenas”. Nada do que Emerson escreveu podia ser mais verdadeiro sobre a América, mas esse não era o único motivo para eu grifar suas palavras uma, duas, três vezes. O que me deixou impressionado na época, e me deixa perplexo hoje, era que

a mesma coisa podia ser dita de nossa pátria, onde não poderíamos ser mais incoerentes.

Em nossa última manhã, levei o General para seu escritório no prédio da Polícia Nacional. Minha sala ficava na outra ponta do corredor e, de lá, chamei os cinco oficiais escolhidos para uma reunião particular, um de cada vez. Vamos partir hoje à noite? perguntou o coronel, muito nervoso, os olhos arregalados e úmidos. Isso. Meus pais? Os pais da minha esposa?, perguntou o major, um glutão assíduo dos restaurantes chineses em Cholon. Não. Irmãos, irmãs, sobrinhas, sobrinhos? Não. Empregados e babás? Não. Bagagem, roupas, coleções de porcelana? Não. O capitão, que mancava um pouco devido a uma doença venérea, ameaçou cometer suicídio a menos que obtivéssemos mais lugares. Ofereci-lhe meu revólver e ele amarelou. Por outro lado, os jovens tenentes ficaram gratos. Tendo obtido suas preciosas posições por intermédio das ligações de seus pais, portavam-se com o nervosismo espasmódico de marionetes.

Fechei a porta quando o último deles saiu. Estrondos distantes chacoalharam as janelas e vi fogo e fumaça subindo a leste. A artilharia inimiga explodira o depósito de munição de Long Binh. Sentindo necessidade tanto de me lamentar como de comemorar, virei para minha gaveta, em que guardava uma garrafinha de Jim Beam ainda com vários tragos restando. Se minha pobre mãe fosse viva, ela diria: Não beba tanto, filho. Pode não ser bom para você. Mas não mesmo, mãe? Quando a pessoa se vê numa situação tão difícil quanto a minha ali, um agente duplo no Estado-Maior do General, procurava consolo onde quer que pudesse encontrar. Acabei com o uísque, depois fui até a casa do General no meio de uma tempestade, o líquido amniótico bombardeando a cidade com um indício da estação vindoura. Alguns torciam para que as monções atrasassem o avanço das divisões do norte, mas eu achava isso improvável. Fiquei sem jantar e preparei minha mochila com artigos de higiene, uma calça de algodão e uma camisa de madras que comprara na J. C. Penney, em Los Angeles, pantufas, três cuecas limpas, uma escova de dentes elétrica do mercado de ladrões, uma fotografia emoldurada de minha mãe, envelopes

com fotos daqui e da América, minha câmera Kodak e o *Comunismo asiático e o modo oriental de destruição*.

A mochila fora um presente de Claude, quando me formei na faculdade. Entre os meus pertences, era o mais bonito, eu podia usar nas costas ou, com um ajuste de correia aqui e ali, converter numa mala de mão. Feita de couro marrom flexível por um renomado fabricante da Nova Inglaterra, tinha um aroma rico e misterioso de folhas outonais, lagosta grelhada e suor e esperma de internatos masculinos. Havia um monograma com minhas iniciais gravado na lateral, mas a característica mais especial era o fundo falso. Todo homem deve ter um fundo falso em sua bagagem, dissera Claude. Você nunca sabe quando vai precisar. Sem que ele tivesse conhecimento, eu o usava para esconder minha minicâmera Minox. O preço da Minox, presente de Man, era algumas vezes meu salário anual. Foi o que usei para fotografar certos documentos confidenciais aos quais tivera acesso, e achava que podia voltar a ser útil. Por último, olhei o resto dos meus livros e discos, a maioria comprados nos Estados Unidos e todos exibindo as impressões digitais da memória. Eu não tinha espaço para Elvis ou Dylan, Faulkner ou Twain, e, embora pudesse um dia repô-los, ainda assim senti um peso no coração ao escrever o nome de Man na caixa de livros e discos. Era coisa demais para carregar, assim como meu violão, exibindo todo aquele seu acusativo quadril em minha cama conforme eu partia.

Terminei de fazer a mala e peguei o Citroën para buscar Bon. A polícia militar nos bloqueios acenava para mim ao ver as estrelas do General no carro. Meu destino ficava do outro lado do rio, um curso d'água deplorável margeado por barracos de camponeses refugiados, suas casas e fazendas destruídas por soldados piromaníacos e incendiários de aparência distinta que haviam encontrado sua genuína vocação como artilheiros. Além desse vasto caos de choupanas, nas profundezas do Distrito Quatro, Bon e Man aguardavam em uma cervejaria ao ar livre onde nós três passáramos mais horas bêbados do que eu era capaz de lembrar. Soldados e fuzileiros ocupavam todas as mesas, seus fuzis sob os bancos, seus cabelos cortados muito rente por barbeiros militares sádicos decididos a revelar o contorno de seus crânios com algum fim frenológico nefasto. Bon serviu-me um copo

de cerveja assim que sentei, mas não deixou que eu bebesse enquanto não fez seu brinde. À nossa reunião, disse, erguendo seu copo. Voltaremos a nos ver nas Filipinas! Falei que na verdade era Guam, porque o ditador Marcos cansara dos refugiados e fechara as portas. Com um gemido, Bon esfregou o copo na testa. Não imaginava que dava para ficar ainda pior, disse. Agora até os filipinos estão botando banca para cima da gente? Esquece os filipinos, disse Man. Então vamos beber a Guam. Dizem que é onde o dia da América começa. E o nosso dia termina, murmurou Bon.

Ao contrário de mim e Man, Bon era um patriota genuíno, um republicano que se prontificara a lutar, tendo odiado os comunistas desde que o quadro local encorajou seu pai, o chefe da aldeia, a ajoelhar na praça central e fazer sua confissão antes de assertivamente enfiar uma bala atrás de sua orelha. Se deixado por conta própria, Bon sem dúvida bancaria o japonês e lutaria até o fim ou mesmo encostaria uma arma na própria cabeça, de modo que Man e eu o persuadíramos a pensar na esposa e no filho. Partir para a América não era deserção, alegamos. Era uma retirada estratégica. Havíamos contado a Bon que Man também fugiria com a família no dia seguinte, quando a verdade era que Man ficaria para testemunhar o sul sendo libertado pelo norte comunista que Bon tanto desprezava. Agora Man pressionava seu ombro com dedos longos e delicados e dizia: Somos irmãos de sangue, nós três. Vamos ser irmãos de sangue mesmo se perdermos essa guerra, mesmo se perdermos o país. Virou para mim e seus olhos estavam úmidos. Para nós, não existe fim.

Tem razão, disse Bon, sacudindo a cabeça vigorosamente para disfarçar as lágrimas nos olhos. Então chega de tristeza e melancolia. Vamos beber à esperança. A gente volta para pegar nosso país de volta. Certo? Ele também me fitou. Não fiquei com vergonha das lágrimas em meus olhos. Esses homens eram melhores do que quaisquer irmãos de verdade que eu pudesse ter tido, pois havíamos escolhido uns aos outros. Ergui meu copo de cerveja. À volta, falei. E a uma fraternidade que nunca tem fim. Esvaziamos nossos copos, chamamos outra rodada, passamos os braços nos ombros uns dos outros e iniciamos uma hora de amor fraternal e cantoria, a música fornecida por um duo na outra ponta da cervejaria. O violonista era